

Aprendentes humanos: A extensão potencializadora de protagonismo

Silvana Ribeiro, Aline Reginatto, Franciele Talian, Giulia Cabeda, Clenir Moretto
Universidade de Passo Fundo, Brasil

Palavras-chave: Extensão, humanização, curricularização, estudantes, aprendentes.

Palabras clave: Extensión, humanización, curricularización, estudiantes, aprendices.

Para citación de este artículo:

Ribeiro, S; Reginatto, A; Talian, F; Cabeda de Camargo, G y Moretto, C. (2018). Aprendentes humanos:

A extensão potencializadora de protagonismo. *En Revista Masquedós*. N° 3, Año 3, pp. 19-26. Secretaría de Extensión UNICEN. Tandil, Argentina.

Recepción: 14/12/2017 Aceptación Final: 05/02/2018

Resumo

O texto que aqui apresentamos, tem por objetivo refletir sobre o fundamental papel da Extensão para uma formação que desperte e incentive o protagonismo dos estudantes, especialmente em relação ao ensino. Abordamos a curricularização da Extensão como chave para um ensino entrelaçado com as realidades, os sujeitos, suas vivências e contextos, formando estudantes aprendentes hu-

manos. Através da oficina “Além de acadêmicos, Humanos”, que nasce das experiências e práticas extensionistas, buscamos reafirmar como a Extensão se constitui em um espaço/tempo para o reconhecimento dos estudantes e a possibilidade de salas de aula que sejam fonte de relações humanizadas e humanizadoras, que formam além de profissionais, humanos.

Resumen

El texto que aquí presentamos tiene como objetivo reflexionar sobre el papel fundamental de la Extensión para una formación que despierte e incentive el protagonismo de los estudiantes, especialmente en relación a la enseñanza. Abordamos el currículo de la Extensión como clave para una enseñanza entrelazada, con las realidades, los sujetos, sus vivencias y contextos, formando estudiantes, aprendices humanos. A través de talleres “Más allá de académicos, Humanos”, que nace de las experiencias y prácticas extensionistas, buscando reafirmar como la Extensión se constituye en un espacio/ tiempo para el reconocimiento de los estudiantes y la posibilidad de salas de clases que sean fuentes de relaciones humanizantes, que forman más allá, de profesionales, humanos.

Introdução

Neste artigo, escrever sobre a extensão, como estudantes extensionistas perpassa o misturar-se nestas linhas, colocando vida e afetos nas palavras que tornam-se vozes de gentes, de comunidades, da universidade, dos desafios e potencialidades vivenciados na extensão. Este texto não tem a pretensão de apresentar uma receita sobre o processo de curricularização da extensão, mas introduzir a reflexão a partir de micro experiências, oficinas chamadas “Além de acadêmicos, humanos”.

Esta é uma proposta que nasce das vivências da extensão, assim como, constrói-se com o protagonismo dos estudantes extensionistas. Ao olhar para sala de aula, percebemos o desafio de tornar este ambiente mais dialógico, atraente e dinâmico, onde seja possível mesclar saberes acadêmicos e populares. Desta forma, a extensão, entrelaçada ao ensino e a pesquisa, desperta o desejo pelo tornar-se estudante aprendente humano, que encontra nos livros, nos afetos, nas vivências e na reflexão, o emba-

samento profissional e pessoal, construído na/ para além das paredes das salas de aula.

1. Tornar-se humano na extensão

Ao tentar definir o que é a extensão, corre-se o risco de reduzi-la a uma única maneira de fazê-la. Diante disto, encontramos nesta metáfora uma forma de refletir sobre o ser extensionista:

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (Galeano, 2017: 15).

“Depois de muito caminhar, pediu ao pai: Pai, me ajuda olhar”. Duas frases que, como faróis, sinalizam um pouco da ‘imensidão’ da extensão. “Caminhar” e “olhar”: o que seria da extensão sem estas duas atitudes, que nos aproximam das realidades? Todavia, é preciso ir além deste questionamento e refletir sobre por onde caminhar, como olhar, pensar e estar nas diversas realidades.

Ruas das comunidades, corredores das escolas, calçadas da universidade: exemplos de locais percorridos, onde é possível entender que extensionar-se implica desacomodação, movimento e aproximação. O caminhar é entrelaçado com o olhar; assim, as realidades são enxergadas e levadas para sala de aula, sendo problematizadas pelo ensino e pesquisa. Esta vivência vai abrindo novos universos, onde fica difícil definir até onde vai à pesquisa, onde termina o ensino e começa a extensão; este tripé, que está amarrado, ao misturar-se, torna-se potencializador de uma formação integral e humanizadora.

Ao estar em sala de aula, ao enxergar os colegas, percebe-se que o espaço é permeado pelo humano, pelos olhares de diversas comunidades. Pela ampliação do acesso à educação superior, estes “setores da população historicamente excluídos” tem a oportunidade de estar e construir a universidade, como afirma Huidobro et.al (2016: 100).

É preciso ter em conta que estamos em um processo de ampliação do acesso à educação superior, pelo qual setores da população historicamente excluídos das universidades estão agora estudando e se formando nelas. Assim, esse diálogo se inscreve também em um reconhecer-se, em uma exploração de nós mesmos como povo, como comunidade, por meio das instituições educativas do nível superior.

A sala de aula pode ser um núcleo de extensão, de estudante para estudante. Neste sentido, somos surpreendidos pelo convite de Diego, na metáfora do Galeano: “me ajuda a olhar”. Este, pauta diversos tipos de relações, em que se percebe o convite que é feito do filho para o pai. Podemos compará-lo com a educação, visto que, inúmeras vezes, este convite é feito de estudante para educador. Convidamos, então, o grande educador, Tião Rocha, para refazê-lo:

Se um educador escuta um “me ajuda a olhar!”, seja através da fala, dos olhos, das mãos, do corpo, do sonho, do choro, da dor, da alegria, ele deveria sempre responder com um “me ensina o que você viu!” Só assim haverá uma verdadeira educação, isto é, uma relação plural e entre iguais, de cumplicidade, conluio, apaixonadamente verdadeira.

Existe uma grande diferença entre o “me ajuda a olhar” e “me ensina o que você viu”. Um educador que chega na sala de aula e mecanicamente começa a ensinar o que viu, falando durante horas, torna a aprendizagem massante,

sem paixão, sem curiosidade. Já o educador que convida para o “me ensina o que você viu”, escuta e empodera o estudante, trazendo uma aprendizagem humanizadora, ele torna-se um facilitador aprendente.

É deste lugar, da sala de aula, repleta de comunidades, de potencialidades e sedenta por humaniz(ação) que dialogamos, refletimos, reavaliamos o ser extensionistas, inspiradas pelo “me ensina o que você viu”, como fonte de relações humanizadoras, que formam além de profissionais, humanos. Isto significa assumir a responsabilidade de protagonizar processos críticos e dinâmicos, encontrando na extensão um espaço de problematização das realidades e construção de aprendizagens dinâmicas que dialogam com as diversas questões contemporâneas, repensando o papel do estudante na sociedade, como destaca a Política Nacional de Extensão Universitária:

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira. (2012: 34)

O protagonismo estudantil, a construção de espaços dialógicos, a transdisciplinaridade, a possibilidade de repensar a universidade do século XXI, são alguns dos “aportes decisivos à formação dos estudantes”, que não podem ser reduzidos somente para alguns acadêmicos, que conseguem dispor de algum turno do dia para viver a extensão, mas deve ser ampliado e garantido como direito de todo estudante universitário. Isto possibilita olhar para as diversas

realidades dos estudantes. Destacamos aqui o grupo que participou da oficina “Além de acadêmicos, humanos”, estudantes do V nível da pedagogia, da Universidade de Passo Fundo, que é composto, na sua grande maioria, por estudantes trabalhadores, que não dispõem de um turno semanal para viver a extensão. Diante disto, questiona-se como será garantido o viver extensionista para estes acadêmicos? Como planejar, repensar, executar e entrelaçar os processos extensionistas neste contexto?

Cabe destacar, que a extensão não é uma ajuda para os estudantes, é um direito, conforme afirma a Lei nº 13.005, de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE: “assegurar, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (BRASIL, 2014). Neste processo, os créditos curriculares, que são destinados para a extensão, devem interligar-se com a pesquisa e o ensino, tornando o espaço acadêmico local de descoberta das realidades.

A curricularização da extensão é uma das formas de aproximá-la do ensino e da pesquisa, porém é preciso que ela seja planejada, refletida e percebida como potencializadora de micro experiências, tomando cuidado para não reduzir a potencialidade da extensão com práticas especificamente curriculares e/ou tecnicistas. Realizar isto com o protagonismo dos estudantes, conjuntamente com os educadores, é uma maneira de tornar a sala de aula criativa e atraente, como afirma Dalmolin:

A curricularização é a compreensão do currículo como um fenômeno que não pode ser distanciado das demandas da realidade (III JEM, 2014). Por isso, deve transversalizar os currículos, com a singularidade de cada curso e de cada contexto histórico - social, buscando metodologias mais criativas e dinâmicas, que resultem, especialmente, em salas de aulas abertas e atrativas para os estudantes. (2015: 9)

Não existe receita de curricularização da extensão. Não temos a pretensão de explicar como este processo pode acontecer à nível de universidade, mas desejamos compartilhar uma experiência que nasce da angústia em perceber muitas salas de aulas vazias pelo silêncio, cansaço e desmotivação de estudantes e educadores. Percebemos que a extensão desperta para uma leitura crítica de realidade da sociedade e de espaços como as salas de aula, de um ensino dinâmico. Desta forma:

Um dos passos fundamentais em direção à universalização da Extensão Universitária está em sua inclusão nos currículos, flexibilizando-os e imprimindo neles um novo significado com a adoção dos novos conceitos de ‘sala de aula’ e de ‘eixo pedagógico’. É importante ter claro que não se trata apenas de aproveitamento de créditos oriundos de atividades extensionistas, para efeitos de integralização curricular ou de criação de novas disciplinas relacionadas com a Extensão Universitária, mas, sim, de sua inclusão criativa no projeto pedagógico dos cursos universitários, assimilando-a como elemento fundamental no processo de formação profissional e de produção do conhecimento. (FORPROEX, 2012: 29-30)

Incluir a extensão nos currículos dos cursos universitários, é uma das possibilidades de potencialização de uma formação crítica, reflexiva e humanizada, pois significa pensar e construir conhecimentos a partir de realidades e situações concretas, que tornam-se saberes de um conhecimento vivo, significativo e transformador, tanto para os acadêmicos, quanto para os contextos e realidades nos quais estiverem inseridos em suas mais diversas práticas.

Frente a isto, o projeto de extensão “Observatório da Juventude, Educação e Sociedade”, da Universidade de Passo Fundo, tem o objetivo de abrir espaços de protagonismo para os estudantes extensionistas, despertando para o empoderamento das ações. Deste modo, nasce a oficina “Além de acadêmicos, Humanos”.

2. Além de acadêmicos, Humanos

*Renova-te.
Renasce em ti mesmo.
Multiplica os teus olhos, para verem mais.
Multiplica-se os teus braços para semeares tudo.
Destroi os olhos que tiverem visto.
Cria outros, para as visões novas.
Destroi os braços que tiverem semeado,
Para se esquecerem de colher.
Sê sempre o mesmo.
Sempre outro. Mas sempre alto.
Sempre longe.
E dentro de tudo.
-Cecília Meireles-*

Renovar-se, multiplicar, des(construir) e criar: palavras que inspiram as atividades do “Observatório da Juventude, Educação e Sociedade”, que desenvolve ações que visam a concretização de espaços de humaniz(ação) e partilha, proporcionando oficinas que levam como título “Além de acadêmicos, humanos”. A oficina é assim intitulada, para reforçar a importância de “sairmos do automático”, pararmos de nos acomodar e acostumar com a nossa rotina de sermos apenas acadêmicos, que cumprem as tarefas universitárias obrigatórias.

Para não nos tornarmos robotizados e desumanizados, no sentido da interpessoalidade em um mundo que vive da midiaticização das relações, destacamos “ação” em “humanização”, para frisar como palavra e como movimento a ser realizado na perspectiva de humanizar as ações e ainda, por acreditar na importância de renovar-se constantemente, de amorizar a ação e de formar profissionais humanizadores. Desta forma, Freire (1992) sinaliza as raízes da educação e os processos de humanismo, que buscam a coerência social e a ética na estrutura da humanidade, onde o respeito e a valorização são indispensáveis para a sua prática.

Sendo assim, construir espaços de integração da aprendizagem, sem precisar “encapsular” a forma de aprender, torna-se um desafio ao tripé da universidade e ao protagonismo estudantil extensionista. Com estas lentes olhamos para o espaço que habitamos, a sala de aula. Propor atividades que proporcionem aos estudantes conhecer os colegas e professores, além de acadêmicos, humanos é um dos objetivos centrais, que move a oficina. Assim, destacamos o relato de uma participante da oficina:

“Aprendi que eu realmente estava equivocada ao pensar em não vir na aula hoje, pois ao colocar meus cadernos e portfólios na mochila, pensei que seria novamente uma aula ‘tradicional’ e questionei-me porque devo ir? Agora compreendo, sentindo uma sensação maravilhosa de satisfação, de renovação dentro de mim, pois vivemos um momento único e fundamental para nossa formação humana. Sinto-me agradecida por participar do encontro com as colegas que convivo a cinco semestres, porém, hoje tive a oportunidade de realmente conhecê-las além de acadêmicas, humanas.” [sic]

Em um mundo de violência e relações fragilizadas, a humanização torna-se passo importante na construção de uma educação que possibilite repensar o humano e a construção da paz. No mesmo sentido, acontece no mundo acadêmico, onde envoltos na ideia de produzir e estar no meio universitário, nos tornamos robotizados em atitudes automáticas que, não dão espaço para pensarmos no outro e até em nós mesmos.

A proposta, então, vem desse sentido, onde é preciso refletir que para além disso somos humanos, mas não somente de carne e osso, mas sim de sentimentos e emoções, de alegrias e tristezas e de colocar-se no lugar do outro, no “olhar pela janela do outro”, em sentido de sensibilização e empatia. Essas atitudes são

pensadas para as relações de humanização, não somente entre colegas no meio acadêmico, mas também na relação de aluno e professor.

Estas oficinas, tem como objetivo implementar ações de sensibilização, visando o aprimoramento das relações acadêmicas e humanas, no intuito de promover processos de humanização no cotidiano universitário. Da mesma forma, tem por objetivo ainda, oportunizar uma vivência grupal, contribuindo na construção de relações e proporcionando diálogos que aprimorem a reflexão sobre ser acadêmico e ser humano.

A metodologia da oficina, é inspirada nos aportes teóricos do livro “Educação: um tesouro a descobrir”, de Jaques Delors, que aborda os quatro pilares da educação, relacionados ao aprender sobre conhecer, fazer, conviver e ser. Para isso, Delors afirma que:

A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

- *Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um número reduzido de assuntos, ou seja: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.*

- *Aprender a fazer, a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Além disso, aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho, oferecidas aos jovens e adolescentes, seja espontaneamente na sequência do contexto local ou nacional, seja formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.*

- *Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das in-*

terdependências - realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

- *Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (DELORS, 2003: 31).*

Esses quatro pilares são os norteadores da oficina, pensados como fundamentais para fortalecer as potencialidades de cada sujeito, como escreve Delors em seu texto. Buscamos com isso, sensibilizar os participantes das oficinas, para refletir acerca do “aprender a fazer, conhecer, conviver e ser”, não só no sentido do que as próprias palavras já sugerem, mas em uma construção coletiva, respeitando a identidade de cada um.

A oficina se constitui em vivências teórico-metodológicas, inspiradas no Projeto Alternativas à Violência (PAV), que tem como propósito, o compartilhar e aprender uns com os outros e construir relações de afeto e cuidado. Essas vivências, se dão por meio de dinâmicas que possibilitam aos participantes um olhar sobre si e, a partir disso, um olhar para o outro. Uma dessas dinâmicas chama-se Círculos Concêntricos, na qual os participantes são desafiados, em duplas, a responder e ouvir sobre algumas perguntas. Essas perguntas são relacionadas às realidades dos participantes, como por exemplo:

1. Quem eu sou?
2. Qual o meu propósito?
3. Uma mudança que faria na escola?
4. Como humanizo as minhas relações diárias?
5. Qual o desafio que encontro como estudante?

Passados alguns meses da realização da oficina, foi desenvolvido com os participantes uma avaliação, trazendo o questionamento “o que aprendi com essa oficina?”, visando registrar o significado deste trabalho para a formação humana/profissional. Com isso, podemos destacar algumas falas dos estudantes, que definem o que é a oficina e o que aprenderam com ela:

“Aprendi a expor minhas ideias, perceber que eu tenho capacidade de expor, que eu preciso enfrentar o meu medo, insegurança e vergonha ao falar em público, derrepente ao olhar no olho da pessoa eu consigo cruzar essa barreira.” [sic]

“[...] Nós seres precisamos do outro e não podemos viver sozinhos. Olhar para o seu eu e para o outro faz do ser humano, ‘ser humano.’” [sic]

“Estamos vivendo ‘mais ou menos’ como podemos, sempre no automático, sem afeto, sem olhar, sem sentir e sem ser.” [sic]

“Aprendi a me olhar mais, o que eu sou, o meu eu e a me respeitar mais.” [sic]

“Há inúmeras formas de se aprender, não apenas como estamos acostumados.” [sic]

“Que se faça mais oficinas assim para despertar o ser humano que existe em nós.” [sic]

“Aprendi a pensar sobre o meu eu, o que penso, o que sinto, o que eu posso melhorar, o que eu preciso contribuir nas minhas relações do dia a dia. [...]”

Possibilitar espaços de diálogos é um dos objetivos centrais na realização desta oficina. Estas avaliações dos participantes retratam experiências de construção de aprendizagens, do

conhecer-se enquanto ser humano. Assim, “os espaços de expressividade, de fala e de escuta, são os que possibilitam a construção do conhecimento, a problematização, a consciência e a criação da cultura e do mundo”. (Dalmolin, 2017: 27). São estas vivências que possibilitam uma compreensão para além da própria realidade e, desta forma, impulsionam para um olhar mais amplo e profundo para outras realidades e para o próprio papel diante delas.

A extensão tem um potencial de mobilização de saberes e também des(construção) do que aparentemente é óbvio. Curricularizar estas atividades, seja através de oficinas, inserção nos currículos, experiências nos territórios, tem que ser resultado de projetos planejados, pensados, dialogados com estudantes, professores e com os diversos territórios.

A oficina “Além de acadêmicos, humanos” é uma construção resultante de processos dialógicos e que está em constante transformação, adequando-se às diversas realidades, cursos e saberes. Isto é o que nos torna aprendentes humanos, ou seja, sujeitos que compreendem-se inacabados e desafiados a repensar a educação e seus processos.

Considerações para persistir

Persistir. Esta palavra quer demonstrar que não concluímos, mas que estamos trilhando um caminho; sendo este repleto de desafios, dúvidas, erros e acertos, alegrias e dificuldades, mas, acima de tudo, um caminho de transformação e humanização, pois acreditamos em um ensino transformador, que forma para a vida e suas mais diversas e complexas realidades, não apenas para uma profissão. Acreditamos e buscamos salas de aula vivas, onde a realidade que nos constitui é convidada de honra e, a partir dela se pense, se reflita, se construa conhecimentos.

A extensão é, para nós, potencializadora de humanização. É um tempo e espaço na

Universidade que possibilita nos tornarmos aprendentes humanos (não só durante a formação, mas por toda a vida) e protagonistas na construção de conhecimentos significativos, uma vez que nos impulsiona a ir e estar nas realidades, refletindo sobre qual o papel do estudante, da construção de conhecimentos, dos diversos saberes, que tornam-se experiências que podem ser levadas para o espaço da sala de aula, através da fortalecimento de espaços de escuta, onde o estudante pode expressar o que viu e tornar isto aprendizagem e curiosidade.

Desta forma, percebe-se que curricularizar a extensão não é um processo simples, mas desafiador e possibilitador do repensar a própria universidade.

Através das vivências extensionistas, especialmente da oficina apresentada neste texto, entendemos que levar a extensão para dentro dos currículos dos cursos, significa compreender a própria complexidade e diversidade da Universidade, reconhecendo e dando voz aos seus sujeitos, possibilitando um olhar e uma humanização de si, da profissão e da própria Universidade.

Referências

Brasil, (2017) Plano Nacional da Educação. http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm.

Brasil, (2017) Política Nacional de Extensão Universitária. [proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf](http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf).

Dalmolin, B. M; Silva, M. T; Vieira, A. J. H. (2017) Bases pedagógicas para pensar a curricularização da extensão. Itajaí: Univali.

Dalmolin, B. M; Vieira, A. J. H. (2017) Curricularização da extensão: Potências e desafios no contexto da gestão acadêmica. http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20159_9517.pdf.

Delors, J. (2003). Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez.

Freire, P. (1992) Extensão ou Comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fórum De Pró-Reitores De Extensão Das Instituições De Educação Superior Públicas Brasileiras. (2012) Política Nacional De Extensão Universitária. Amazonas

Galeano, E. (2017) O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM,

Huidobro, R. À, Elsegood, E. Garãno, I. Harguinteguy, F. (2016) Universidade, território e transformação social. Reflexão em torno dos processos de aprendizagem em movimento. Passo Fundo: UPF editora.

Rocha, T. (2017) A função do educador. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/portfolio/a-funcao-do-educador/>.